

**Identidade nacional, complexo de vira-latas e falação esportiva:
uma análise das eliminações da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014 e
Copa América de 2015 a partir das crônicas de Rica Perrone¹**

*National identity, mongrel complex and sports chatter: a analysis of
eliminations of brazilian national team in the 2014 World Cup and 2015
American Cup from chronicles of Rica Perrone*

Lucas Lopes Albuquerque BASTOS²

Resumo

O Futebol é um dos elementos que compõe a identidade nacional brasileira. A seleção brasileira é o auge dessa associação entre ser brasileiro e ser torcedor de futebol. A partir de uma análise de conteúdo das crônicas de Rica Perrone, publicadas em seu blog pessoal entre 2014 e 2015, esse estudo busca identificar quais associações são feitas entre elementos desportivos, como vitórias e derrotas do esquadrão nacional, e características sociais e culturais do brasileiro. Por fim problematiza-se como o discurso produzido pelo jornalista acaba por se distanciar do esporte e até mesmo do espetáculo esportivo, referenciando-se à própria imprensa esportiva nacional.

Palavras-chaves: Futebol. Complexo de vira-latas. Falação Esportiva. Identidade Nacional.

Abstract

Soccer is one of the elements that make up the Brazilian national identity. The Brazilian national team is the pinnacle of this association between being brazilian and being football fan. From a content analysis of Rica Perrone chronicles, published on his personal blog between 2014 and 2015, this study seeks to identify which associations are made between sports elements, such as victories and defeats of the national squad, and social and cultural characteristics of the Brazilian. Finally it discusses as the speech produced by the journalist ends up distancing himself from the sport and even the sporting spectacle, referring to the own national sporting press.

Keywords: Football. Mongrel Complex. Sports Chatter. National Identity.

¹ Versão modificada (complementada e atualizada) de artigo apresentado no VI Seminário de Pesquisas em Mídia e Cotidiano, realizado em Niterói (RJ), de 17 a 19/05/2016.

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC-UFF). Pesquisador atuante na área de estudos sobre o esporte na mídia. E-mail: lucas.llab@gmail.com

Introdução

A relação entre identidade nacional brasileira e o futebol é próxima. Esse fenômeno é tão importante para a formação do que poderia ser considerado o modelo do brasileiro ideal que a alcunha "país do futebol" está presente no vocabulário nacional.

Sobre as origens do "país do futebol" ou "pátria-de-chuteiras", outro termo bastante usado para referenciar essa forte ligação entre o povo brasileiro e o futebol, é importante ressaltar a não naturalidade desse processo. Se a sociedade brasileira é capaz de se expressar pelo futebol, como se este esporte fosse um filtro ou um canal pelo qual é possível dramatizar uma série de questões sociais, como defende DaMatta (1982), é porque as condições para que esses processos ocorressem não são naturalmente nadas, mas socialmente construídas (HELAL; GORDON, 2002). Essa construção encontra suas bases fundadoras ainda nos anos 40. Principalmente a partir da "Era Vargas" o futebol foi escolhido como um dos elementos unificadores do povo brasileiro, forjando assim uma homogeneidade entre cidadãos de diferentes etnias, religiões e classes sociais (HELAL; SOARES, 2002).

Essa construção do esporte como representante de uma possível "brasilidade" pode aflorar em duas instâncias: os clubes locais e a seleção brasileira. Os clubes locais, segundo Gastaldo (2005), demandam uma relação afetiva de seus torcedores e "simbolizam um pertencimento social" (GASTALDO, 2005, p.152) os quais vinculam fãs apaixonados. A outra instância é a da seleção brasileira, na qual o tipo de relação se estende além de questões como paixão ou lealdade: o torcedor brasileiro parece se unir através e pela seleção brasileira e o desempenho dessa equipe carrega a responsabilidade de representar não só nossa maneira de jogar futebol, mas o nosso país como nação e nosso povo como sociedade (GASTALDO, 2005).

O ápice dessa relação de representação do povo brasileiro pela "seleção canarinho" se dá nas Copas do Mundo, maior campeonato mundial entre nações, disputado quadrienalmente. Além desse campeonato servir como veículo para o reforço das identidades nacionais dos países envolvidos (HELAL; DO CABO, 2014), também ocorre durante esse torneio uma disputa em oposição a um outro. É nesse momento em que as nações disputam não apenas um troféu de campeão mundial, mas também "uma

chance de colocar a própria nação em perspectiva, comparada com o resto do mundo" (GASTALDO, 2005, p.153).

Inserida dentro desse contexto se encontra a imprensa esportiva brasileira. Uma das responsáveis pela construção social do "país-do-futebol" (HELAL; SOARES, 2002), a imprensa esportiva possui características próprias. Gastaldo apresenta duas dessas delas: a subjetividade mais presente no discurso do jornalista, pois se a imprensa esportiva trata de coisas "menos sérias", como o jogo e a bola, em oposição ao caderno político que trata de partidos e eleições, então ao jornalista é permitido fugir mais do critério de objetividade ao narrar os fatos; o segundo atributo é a maior ocorrência de elementos culturais dentro discurso da imprensa esportiva, tais como seus preconceitos e diferente representações, o que permitiria compreender melhor o país por esses textos midiáticos (GASTALDO, 2005).

Com intuito de discutir o que é possível aferir sobre a relação entre a cultura brasileira e os discursos da imprensa esportiva, optou-se por investigar os textos midiáticos referentes à campanha da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014 e na Copa América de 2015. O recorte escolhido para esse artigo foram as crônicas do jornalista e blogueiro Rica Perrone, publicadas em seu canal online. Ao todo foram recolhidas 83 crônicas, entre janeiro de 2014 e novembro de 2015. Em todas elas a seleção brasileira é o objeto principal da discussão.

A partir desse material operou-se uma análise de conteúdo (BARDIN, 2011), realizada em duas grandes etapas. Em um primeiro momento, seis categorias temáticas foram elencadas para classificar as crônicas: crônicas referentes ao momento geral da seleção brasileira; análise individuais de atleta ou do técnico da seleção; análises táticas da equipe; discussões sobre a imprensa esportiva brasileira; análises sobre o comportamento do torcedor e do brasileiro; outros, uma última categoria na qual as crônicas que não atendem suficiente bem nenhum dos critérios pré-estabelecidos. Em um segundo momento ocorreu a análise desse material e quais discursos ele revela, referencia, dramatiza ou até mesmo esconde, tal qual o próprio futebol (DaMATTA, 1982), sobre a sociedade brasileira.

Torcedores ou brasileiros?

A divisão das crônicas analisadas em categorias temáticas revelou, já em uma análise superficial, dados relevantes sobre a cobertura da seleção brasileira realizada pelo jornalista Rica Perrone. A temática mais recorrente dentro do universo estudado foi a referente à análises comportamentais do torcedor e do cidadão brasileiro: 37,34% das crônicas analisadas tiveram esse enfoque como o principal. A segunda categoria foi a de a análise geral do momento da seleção brasileira, com 36,14%. O terceiro lugar ficou com as discussões sobre a imprensa esportiva, cujas crônicas representaram 26,5% das totais. Análise individuais totalizaram 21,68%, análise táticas alcançaram 14,45% enquanto que a última categoria apresentou índice de 7,22%. É importante ressaltar que uma mesma crônica, dependendo de seu conteúdo, foi alocada em uma, duas ou até mesmo três categorias simultaneamente.

Apesar de se tratar de coberturas de eventos esportivos de âmbitos internacionais, nos quais a seleção brasileira busca obter um excelente desempenho esportivo, a maior parte dos textos não tem como seu objeto central os esquemas táticos ou análise de desempenho de um craque em especial, mas sim uma discussão ampla sobre o comportamento e a subjetividade do torcedor brasileiro. Torcedor brasileiro esse, aliás, que em algumas crônicas do jornalista que se confunde com o próprio ideal do cidadão brasileiro, como se fossem um só. Em sua crônica intitulada "Perfeito", referente ao jogo de abertura, contra a Croácia, vencido pela seleção brasileira, Rica Perrone assim descrevia o ambiente no país no dia de abertura da Copa de 2014:

Dia em que as ruas de São Paulo foram coloridas pelas mais diversas cores e não, eles não vieram a negócios. Dia em que pegar um metrô foi motivo para sorrir e cantar. Divertir-se com a fila, achar parte do espetáculo a espera e se entregar aos mais simples gestos ao nosso redor. (BLOG DO RICA PERRONE, 12/06/2014).

Em outras duas crônicas³ o jornalista usava a mesma argumentação para afirmar o envolvimento do povo brasileiro com a copa do mundo: ele exibia vídeos gravados por si próprio, registrando paisagens sonoras feitas durante partidas da seleção brasileira. A edição mostrava momentos chaves da partida e a reação dos torcedores: gritaria, buzinas e comemorações em geral no momento dos gols. Esses recursos narrativos poderiam levar o leitor a concluir que existia sim uma mobilização não apenas individual ou grupam em apoio à seleção, mas nacional. Outra crônica que ilustrava essa suposta associação direta entre ser brasileiro e ser torcedor da seleção é a sobre a eliminação sofrida pelo time canarinho para a seleção alemã, pelo placar de 7 x 1. No texto, intitulado "Perdemos", em determinado momento o autor fez um apelo ao "povo brasileiro": "Faça um bem para você, pra seleção e pra nós enquanto nação. Sofra esta noite" (BLOG DO RICA PERRONE, 08/07/2014).

É interessante analisar esse discurso produzido pelo colunista como referente à mesma construção social já citada do Brasil como o "país-do-futebol". Quando um jornalista, ao dissertar sobre a copa do mundo, sugere que todos os brasileiros uniram-se para torcer pela seleção, ele pode estar operando, no sentido proposto por Hall (2001), como um agente de supressão das diferenças culturais. Segundo o autor, a identidade nacional busca homogeneizar seus integrantes:

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los em uma identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (HALL, 2001, p.35)

Pensando o discurso promovido pelas crônicas do jornalista Rica Perrone a partir da formulação de Hall, é possível chegar a seguinte conclusão: a grande família nacional brasileira veste a camisa da seleção brasileira e torce apaixonadamente pela equipe durante as grandes competições, principalmente a copa do mundo. Todos juntos, pois não há diferenças nessa hora, afinal, fazemos parte daqueles que gritam "Pra Frente, Brasil!", slogan criado e popularizado a partir da Copa do Mundo de 1970 (VOGEL, 1982).

³ A primeira crônica intitula-se "O som da Copa" e a segunda "O som da vitória RJ". Ambas encontram-se disponíveis em: <http://www.ricaperrone.com.br/o-som-da-copa/> e <http://www.ricaperrone.com.br/o-som-da-vitoria-rj/>. Acesso em 21/10/2016.

Rica Perrone, em diferentes crônicas, tratava a ligação entre torcedor e jogadores como quase direta e com grande potencial para mudar o desempenho esportivo da equipe. Ainda no começo da copa do mundo de 2014, em crônica intitulada "#CantaBrasil" o jornalista iniciava uma campanha para que os torcedores criassem novas músicas de incentivo à seleção, para melhorar a qualidade da torcida (BLOG DO RICA PERRONE, 18/06/2014). Outro apelo, esse mais incisivo, feito pelo cronista se deu quando Neymar foi cortado da Copa do Mundo. Repercutindo esse fato em sua crônica "Jogamos para você", Rica Perrone pedia para que o torcedor fosse o diferencial da seleção brasileira:

Pelo Neymar, pela seleção, por nós. Aquele Mineirão vai ter que virar um inferno, seja através de coxinhas ou mendigos. Todos vão ter que cantar. Temos 3 dias para aprender as músicas, ensaiar a festa e entrar naquele estádio com sangue nos olhos (BLOG DO RICA PERRONE, 04/07/2014).

A partir dessa leitura fica a impressão de que o torcedor brasileiro é praticamente um dos "convocados" para essa guerra simbólica entre nações. Entretanto, esse discurso que coloca o torcedor como um soldado a serviço da nação brasileira é por vezes substituído dentro do recorte analisado por um praticamente oposto. Em sua crônica pós-derrota para o Chile na estreia das eliminatórias da copa do mundo de 2018, intitulada "Tá na cara", o autor citava a pressão negativa exercida por torcedores e jornalistas sobre a seleção, a cobrança desleal e chegava a afirmar que o maior inimigo da seleção brasileira era o próprio Brasil (BLOG DO RICA PERRONE, 09/10/2015). Análise semelhante foi feita pelo cronista em outro texto, denominado como "Triste". O cronista afirmava que "O povo devolve o que a seleção nos dá, e a seleção se porta como é cobrada. Falta carinho de ambas as partes". (BLOG DO RICA PERRONE, 14/11/2015).

Analisando essas proposições antagônicas acerca da influência do torcedor sobre a seleção, torna-se válido o questionamento: afinal, quem é esse torcedor brasileiro? É o ufanista, o alegre, aquele que canta e empurra a seleção ou o amargurado, pessimista e que cobra demais?

Ufanismo x "vira-latismo": os extremos do torcedor e cidadão brasileiro nas crônicas de Rica Perrone

Antes de entrar na discussão sugerida pelo título desse tópico, é imperativo ressaltar que se existem realmente essas atitudes opostas dentro do universo dos torcedores e fãs da seleção brasileira, elas não tem suas origens dentro do campo esportivo, mas sim na própria sociedade brasileira. Segundo Vogel (1982), o indivíduo brasileiro flutua entre esses extremos:

São duas atitudes opostas, mas de nenhum modo conflitantes. De um lado, o ceticismo que paira sobre as coisas brasileiras. A crítica exagerada às más qualidades do produto nacional, em confronto com tudo que é estrangeiro. Do outro lado, momentaneamente adormecido, o mais exaltado ufanismo. As qualidades inigualáveis do que é nosso são apregoadas sem o menor recato, num exibicionismo incontido (...) Em síntese, na sociedade brasileira, ou se vence, e quando isso acontece se é "o maior", ou então se perde e, nesse caso, não se é "de nada" (VOGEL, 1982, p. 101-102).

É pertinente levantar e problematizar essa discussão pois durante a pesquisa percebeu-se nas crônicas do jornalista justamente essa configuração assinalada por Vogel. Analisando a partir dessa perspectiva, pode-se dizer que Rica Perrone atuava em suas crônicas como um defensor do futebol nacional. Alguns exemplos já foram citados aqui, como a crônica pós estreia na Copa de 2014, texto no qual exaltava a seleção, os torcedores e definia o dia como "perfeito". Em outra crônica, essa anterior ao início do campeonato mundial, intitulada "A mais difícil das Copas", o jornalista até chegava a criticar o chamado "oba-oba" que poderia se instaurar entre imprensa e torcida antes da Copa, mas ao final do seu texto, demonstrava sua confiança ao afirmar qual seria o resultado da copa de 2014 : "E não, não vamos perder". (BLOG DO RICA PERRONE, 27/05/2014).

Mas essa confiança exibida pelo jornalista é apenas um atributo pessoal ou é fruto de um discurso de exaltação do futebol nacional e principalmente da seleção brasileira? A resposta parece mais próxima da segunda hipótese. DaMatta afirma que "é só nos dias de jogos da 'seleção brasileira' que se pode observar o povo vestido com as cores da bandeira nacional, vivendo uma experiência concreta de 'união nacional'".

(DaMATTA, 1982, p.34). Vogel, quando analisa as manifestações eufóricas brasileiras logo após a conquista do tricampeonato mundial de 70, retoma essa questão:

Em 1970, ocorreu um desses momentos extraordinários em que os problemas complicados da hierarquia social e da manipulação dos seus códigos cederam o lugar para um momento feliz de identificação e orgulho - éramos brasileiros - os maiores do mundo! (VOGEL, 1982, p.114).

A partir desses fenômenos é possível compreender melhor a relação entre povo brasileiro e a seleção nacional e como essa relação pode ser a catalisadora do sentimento de patriotismo. Em um país marcado por estruturas hierárquicas nas quais a sociedade tem dificuldades de pôr em prática o princípio de igualdade de todos, na qual o espaço da rua é tido como o cenário impessoal e sacrificante onde não temos controle algum e até mesmo a lei pode ser quebrada ou contornada por mecanismos como o "jeitinho brasileiro" ou sua modalidade agressiva, o famigerado "você sabe com quem está falando?" (DaMATTA, 1979), o futebol nacional surge como uma espécie de refúgio, no qual todos torcem juntos e comemoram juntos. Logo, a seleção brasileira acaba personificando "o Brasil que deu certo", aquele que permite que diferentes indivíduos, apesar das distâncias sociais (VOGEL, 1982, p.112), sintam orgulho do país, porque nesse quesito ele é sim a maior das nações.

Indícios desse discurso nos textos de Rica Perrone já foram expostos aqui: quando ele dizia que a torcida brasileira, "entre mendigos e coxinhas" devia empurrar a seleção, ele faz referência justamente a essa supostamente incrível unificação nacional pelo futebol. Em outra crônica, intitulada "Era só uma Copa", publicada após a eliminação no mundial, ele lamentava a derrota, dizia estar sentido por ela e fazia uma afirmação muito pertinente sobre o status do estádio de futebol no Brasil: "único lugar onde ser brasileiro com 'muito orgulho' não é ridículo" (BLOG DO RICA PERRONE, 10/07/2014). Partindo dessa perspectiva, se em algum lugar o brasileiro pode se sentir orgulhoso, é no campo do futebol. Em outras instâncias, o brasileiro pode vir a conhecer seu oposto e ao mesmo tempo complementar: o "complexo de vira-latas".

Essa expressão tem sua origem na década de 50, surgindo com destaque em uma crônica do jornalista Nelson Rodrigues. Segundo ele, "Por 'complexo de vira-latas' entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do

resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol" (RELEITURAS, 2015). O complexo de vira-latas seria, então, "um problema de fé em si mesmo" (RELEITURAS, 2015), típico do indivíduo brasileiro, uma das facetas do comportamento do brasileiro, aquele olhar desconfiado sobre nossas características, o nosso "ceticismo recatado" (VOGEL, 1982, p.84). Esse discurso é bastante recorrente nas crônicas de Rica Perrone, sendo citado como um dos grandes problemas do brasileiro.

Em crônica publicada durante a copa de 2014, intitulada "O Fred vai te calar", o jornalista defendia a manutenção do atacante Fred no time titular. Ele argumentava que a crítica em cima do jogador se dava por ele jogar no Fluminense, clube brasileiro: "então temos uma mídia e um povo já desconfiado, pois nada que é nosso pode prestar" (BLOG DO RICA PERRONE, 18/06/2014). Em outro texto, denominado "A causa, a consequência...e agora?", publicado pós 7 x 1, o jornalista afirmava que o fracasso da seleção se deve à renúncia de dirigentes, imprensa e torcedores do que seria a identidade do nosso futebol em troca de um modelo diferente e importado, e conclui: "Por sermos vira-latas, por não respeitarmos quem somos de fato e termos em mente que tudo lá fora é sempre melhor" (BLOG DO RICA PERRONE, 10/07/2014). Em outro texto já citado nesse artigo, intitulado "blá, blá blá", o cronista afirmava que é "brasileiríssima a reação de detonar tudo que é nosso" (BLOG DO RICA PERRONE, 29/09/2014).

Porque é pertinente ressaltar a evocação desse discurso de postura "vira-lata" do povo brasileiro por parte do jornalista? Em primeiro lugar para mostrar como que uma expressão cunhada ainda nos anos 50 ainda encontra aplicação, ao menos teórica, nas representações feitas acerca do brasileiro. Em segundo lugar, é pertinente observar como que o desempenho esportivo ruim, seja da seleção ou de atletas específicos, acaba por reverberar na própria sociedade brasileira, como se as duas instâncias estivessem diretamente ligadas e acabassem assim por determinar o destino uma da outra. Apenas para citar um exemplo no qual esse fenômeno é perceptível: na crônica "O Fred vai te calar", citada anteriormente, as críticas recebidas pelo atleta eram apresentadas pelo autor como uma manifestação do pessimismo brasileiro e não como uma análise técnica ou tática desses críticos.

Em terceiro lugar, mas não menos importante, a constante referência do cronista a esse aspecto da sociedade brasileira acaba por fazer com o que o jornalista se incluía

simultaneamente nesse grupo. Pois se ele é brasileiro (e inclusive por vezes utilizava pronomes que o incluíam nesse grupo, como "nosso"), então está incluído nessa mesma identidade nacional à qual ele afirma que o complexo de vira-latas faz parte. Mesmo quando ele se manifestava de maneira ufanista e otimista acerca da seleção brasileira e seus jogadores, não conseguia se excluir desse modelo ideal do que é ser brasileiro, pois relembrando as palavras de Vogel (1982), essas duas atitudes podem ser opostas, mas podem conviver dentro dessa mesma formulação de identidade nacional.

A "falação esportiva" da imprensa esportiva brasileira

A análise acerca das crônicas do jornalista Rica Perrone revela que um assunto foi recorrente nas publicações do autor: a imprensa esportiva brasileira. Como dito anteriormente, as crônicas nas quais esse tema apareceu como objeto central ou ocupou grande espaço somaram mais de 1/4 do universo analisado. A fim de compreender melhor possíveis razões por trás da necessidade do jornalista em discutir a própria imprensa esportiva brasileira e, principalmente, o que isso significa tanto para o esporte quanto para os que consomem esse esporte através das narrativas midiáticas, faz-se necessário de recorrer a um conceito desenvolvido por Umberto Eco: a falação esportiva.

Umberto Eco possui uma visão apocalíptica sobre o esporte (MARQUES, 2001). Classificando-o como uma atividade dominada pela ideia do desperdício e definindo-o como "o princípio de desumanização do homem" (ECO, 1984, p.221), Eco tece duras críticas ao esporte por causa das apropriações que este sofre, principalmente aquelas de autoria da imprensa especializada. O autor estabelece quatro níveis da prática esportiva, baseados no grau de desperdício e nos atores envolvidos no fenômeno. O primeiro nível é o esporte propriamente dito, a prática desportiva, à qual pode-se refletir-se em ganhos para os seus praticantes, seja em condicionamento físico, aprimoramento de índices de força e velocidade, etc. Em segundo lugar aparece o espetáculo esportivo e seus atletas, ou seja, o esporte jogado por outras pessoas ao qual o espectador assiste. Esse é o "esporte ao quadrado", aquele que não ofereceria benefícios para ninguém, pois o ato de assistir não traria benefícios à saúde do espectador e o atleta se veria forçado a alcançar um rendimento cada vez maior para agradar aos espectadores (ECO, 1984).

Em uma terceira instância aparece o "esporte elevado ao cubo", o discurso sobre o espetáculo assistido. Quem acaba por personificar tal discurso é a imprensa esportiva, à qual através de seus repórteres, locutores e comentaristas trata de produzir discursos acerca daquele esporte assistido pelos espectadores. Entretanto, a partir desse estágio de distanciamento do esporte surge mais uma gradação, o "esporte elevado à enésima potência". É nesse momento em que a imprensa começa a autorreferenciar suas discussões, produzindo discursos sobre a própria imprensa esportiva.

Apenas para ilustrar o conceito: mesas redondas esportivas que simulam as conversas de bar sobre times locais discutem à exaustão declarações de jogadores em entrevistas coletivas. Comentaristas esportivos debatem entre si as melhores táticas para os times e buscam concordar ou discordar com os discursos criados e disseminados por si próprios. A partir desse cenário pode-se chegar ao fenômeno da "falação esportiva", também problematizada por Eco. A falação esportiva trata-se da forma pela qual interlocutores debatem, compreendem e até se apropriam do assunto falado sem efetivamente possuir algum contato ou reflexão mais profunda sobre o tema em si (ECO, 1984). Nem aos comentaristas tampouco aos espectadores dos programas de mesa redonda é necessário efetivamente praticar o esporte ou estudar a fundo o seu desenvolvimento: basta que falem sobre ele para estarem aptos a "gerir a coisa pública" (MARQUES, 2001, p. 100), ou seja, fingir que realmente estão agindo ativamente sobre a coletividade e outras instâncias políticas.

As crônicas analisadas como recorte da pesquisa são exemplos de pelo menos duas dessas instâncias citadas por Eco: o esporte elevado ao cubo e à enésima potência. Ao cubo a partir do momento em que toda a análise realizada pelo jornalista é um discurso produzido acerca de um fato esportivo (dentro dessa pesquisa, a Copa do Mundo e a Copa América). E esporte à enésima potência pode ser observado quando o cronista desenvolvia análises complexas não mais sobre o desempenho esportivo das equipes e de seus atletas, mas sobre a própria cobertura da imprensa. Em crônica intitulada "BBB não, Felipão!", o jornalista criticava a excessiva cobertura da imprensa dos treinos e bastidores da seleção, argumentando que nada de bom poderia ser produzido a partir dali, apenas insinuações de crises e confusões dentro do elenco (BLOG DO RICA PERRONE, 30/05/2014). Em texto escrito após o anúncio de Dunga como novo técnico da seleção brasileira, intitulado "Dunga, o prato cheio", o jornalista

criticava a escolha não por razões técnicas ou atributos desportivos, mas por considerar que a imprensa esportiva poderia acabar minando seu trabalho dentro da seleção devido ao histórico conturbado de relacionamento entre mídia e o treinador (BLOG DO RICA PERRONE, 20/07/2014).

Outro exemplo da elevação do esporte à enésima potência está presente na crônica intitulada "é o capuz", no qual Rica Perrone se dedicava não mais a discutir a eliminação brasileira da Copa América, mas sim a criticar as discussões da imprensa acerca da eliminação. Nessa crônica é interessante perceber como que o blogueiro, ao atacar diretamente os formatos dos programas esportivos e seus atores, se aproximava da própria ideia da falação esportiva:

É um circo cheio de palhaços fazendo graça e um monte de gente assistindo batendo palmas. A discussão é vazia, a mídia não sabe NADA de futebol, são raríssimos os caras que se dão o trabalho de ir lá conversar sem buscar um furo mas sim entender como funciona. Para quem fala parece sempre tudo fácil. Todo mundo tem a solução de tudo. (BLOG DO RICA PERRONE, 29/06/2015).

O tom crítico e o costume de se referir à mídia e a imprensa esportiva em especial como "eles", ou seja, algo que não sou eu, indica que o jornalista não se identifica com a classe, portanto é algo "diferente". Entretanto, sua formação e sua atuação como blogueiro esportivo não o deixam escapar, ainda que formalmente, do seu papel de jornalista. Na já citada crônica "Essa gente sem vergonha", referente à postura do canal SporTv de realizar uma cobertura especial no aniversário de um ano do 7 x 1 da Alemanha, Rica Perrone chegava a afirmar que sentia vergonha do seu diploma ao assistir os preparativos para esse grande evento midiático. Em outra crônica, intitulada "Não nos ouçam mais uma vez", reforça esse pertencimento de Rica Perrone à categoria de jornalista esportivo, pois ao apelar para que a seleção brasileira ignore as cobranças e pressão da imprensa esportiva sobre seu desempenho, Perrone formula o conselho dessa maneira: "não nos ouçam mais uma vez". (BLOG DO RICA PERRONE, 04/10/2015)

Portanto, Rica Perrone, um jornalista de formação e comentarista esportivo em atividade, dedicou mais espaço em suas crônicas ao debate acerca da cobertura da imprensa esportiva nacional sobre a seleção brasileira do que propriamente à análises sobre aspectos desportivos. Esse pode ser um exemplo de cenário no qual a falação esportiva se manifesta: é o discurso que não questiona a fundo, por exemplo, se Dunga

possui as qualidades essenciais para ser um bom técnico, por exemplo, mas sim se dispõe a falar sobre a relação do técnico com a imprensa ou como essa pode ter influenciado na eliminação do esquadrão nacional das duas últimas competições disputadas.

Considerações finais

Na sociedade brasileira, o futebol é uma instância social que permite revelar dramas sociais, suspender temporariamente estruturas hierárquicas em momentos de celebração de vitórias e exacerbar o caráter "vira-latas", no sentido proposto por Nelson Rodrigues. O futebol, graças a uma construção social que retoma a década de 40, tornou-se um elemento basilar da formação da identidade nacional: ser brasileiro está intimamente ligado à ser um torcedor apaixonado. A seleção brasileira representa o grau máximo dessa afeição e pertencimento à nação, e é principalmente nas Copas do Mundo em que a pátria veste as suas chuteiras e parte para uma "batalha" entre nações.

Duas eliminações seguidas de competições internacionais em menos de dois anos, uma delas de uma Copa do Mundo jogada em território brasileiro, originaram discursos que de alguma forma nos ajudam a compreender como a derrota futebolística reverbera em nossa sociedade. A partir do recorte produzido das crônicas produzidas no blog de Rica Perrone, identificamos alguns dos elementos recorrentes no discurso do jornalista e problematizamo-nos, para além da esfera esportiva, buscando compreender como esse discurso dialoga com a identidade do brasileiro.

A prática do jornalista de identificar todos os brasileiros como torcedores da seleção e até exigir paixão e envolvimento ativo com o esquadrão nacional denotam que a construção social da "pátria-de-chuteiras", mesmo que não tão forte quanto já foi, ainda se apresenta no discurso jornalístico. Esses torcedores e até mesmo o próprio cronista oscilam de comportamento tal qual o cidadão brasileiro: do ufanismo manifestado através da certeza de que pelo menos no futebol o Brasil é uma potência mundial ao pessimismo e a aceitação de que somos sub-desenvolvidos e tudo que é nosso é inferior ao estrangeiro. Na vitória, o cronista define tudo como perfeito. Na derrota, o jornalista sente a necessidade de lembrar de nossa cobrança excessiva prejudica a seleção e de como podemos ser o maior inimigo do time nacional.

Por fim, a análise de conteúdo das crônicas de Rica Perrone revela que o discurso do jornalista diversas vezes se move da observação e análise do fato esportivo para a análise da própria imprensa e seus discursos, executando um movimento do esporte ao cubo para o esporte à enésima potência, a partir da perspectiva de Umberto Eco. Esse tipo de discurso produzido pelo jornalista sugere que as razões dos problemas da seleção brasileira encontram-se assim não no fato esportivo, no desempenho dentro das quatro linhas, mas nas apropriações que o esporte sofre por parte da mídia.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70; 2011.

BLOG DO RICA PERRONE - #CantaBrasil. Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/cantebrasil/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **A causa, a consequência...e agora?**. Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/causa-consequencia/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **A mais difícil das Copas**. Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/a-mais-dificil-das-copas/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **BBB não, Felipão!**. Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/bbb-nao-felipao/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **blá-blá-blá**. Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/bla-bla-bla/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **Dunga, o prato cheio**. Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/dunga-o-prato-cheio/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **É o capuz**. Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/e-o-capuz/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **Era só uma copa**. Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/era-so-uma-copa/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **Essa gente sem vergonha**. Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/essa-gente-sem-vergonha/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **Jogamos para você**. Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/jogamospravoce/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **Não nos ouçam mais uma vez**. Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/nao-nos-oucam-mais-uma-vez/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **O Fred vai te calar**. Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/o-fred-vai-te-calar/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **O som da copa.** Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/o-som-da-copa/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **O som da vitória RJ.** Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/o-som-da-vitoria-rj/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **Perdemos.** Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/perdemos/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **Perfeito!** (Brasil 3 x 1 Croácia). Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/perfeito/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **Tá na cara.** Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/ta-na-cara/>>. Acesso em 21/10/2016.

_____. **Triste.** Disponível em: < <http://www.ricaperrone.com.br/triste/>>. Acesso em 21/10/2016.

DaMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Universo do futebol** - esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

GASTALDO, E. **Crônicas da pátria amada:** futebol e identidades brasileiras na imprensa esportiva. Niterói: Antropolítica. N. 19, p. 147-163, 2. sem. 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HELAL, R; DO CABO, A. **Copas do mundo e identidade nacional:** um panorama técnico. In: _____. (Org.). Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014

_____; GORDON, C. **A crise do futebol brasileiro:** perspectivas para o século XXI. In: ECO-PÓS - Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002

_____; SOARES, A. J. **O declínio da pátria de chuteiras:** futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: Eco-Pós – Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

MARQUES, José Carlos. **A “criança difícil do século”** – algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio. São Paulo: Comunicação, Mídia e Consumo. Ano XIII, vol. 8, nº 8, 2001.

RELEITURAS - **Complexo de vira-latas.** Disponível em: < http://www.releituras.com/nelsonr_viralatas.asp>. Acesso em 04/12/2015.

VOGEL, A. **O momento feliz:** reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DaMATTA (Org.). Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.